

Recursos Didáticos

PROF^a. SONIA DUTRA DE ARAUJO
PROF^a. ELISE DE MELO BORBA FERREIRA

RESUMO

Baseado em reflexões sobre as percepções do aluno cego na construção do conhecimento, o trabalho destaca a importância dos recursos didáticos no seu processo ensino-aprendizagem.

Assim, além dos recursos específicos básicos para o ensino na área da deficiência visual (reglete e sorobã), os recursos didáticos alternativos, confeccionados com sucata, e os recursos didáticos facilitadores, como os modelos e os materiais elaborados em relevo e reproduzidos em THERMOFORM, tornam-se imprescindíveis nas escolas, sobretudo quando se pensa na Escola Inclusiva.

Nossa experiência, enquanto professoras no Instituto Benjamin Constant, nos possibilitou este estudo.

Se construímos nosso conhecimento na interação com o meio ambiente, a prática pedagógica se revela significativa quando o professor consegue apresentar os conteúdos teórico-científicos de suas disciplinas de forma tal que os alunos possam experimentá-los nas suas vivências.

A realidade que nos circunda é extremamente rica e o professor nela deve se apoiar para que o processo ensino-aprendizagem se desenvolva com eficiência e eficácia. Ela deve se constituir no seu primeiro recurso didático. Levar o aluno a explorá-la, testá-la, experimentá-la é, certamente, garantir-lhe um aprendizado qualitativamente superior. Ler a seu respeito ou ouvir alguém descrevê-la, não oferecem o mesmo nível de conhecimento. Contudo, por ser o ambiente físico extremamente rico e complexo e a prática pedagógica estar contida numa fração do tempo, nem sempre podemos ou conseguimos ter acessibilidade direta a ele. A representação simbólica da realidade, na sua forma tri e/ou bidimensional se mostra, então, como um outro tipo de recurso didático a ser utiliza-

do pelo professor para propiciar ao aluno uma nova maneira de interagir com os elementos constitutivos da realidade.

Tentando uma síntese, podemos dizer que são recursos didáticos tudo aquilo que está disponível na natureza, todos os artefatos culturais, incluindo aí a representação simbólica da realidade por ser ela, também, fruto da criatividade humana. Todos eles perseguem o mesmo objetivo: a construção do conhecimento. Como todo saber se instala nos horizontes da percepção, a cognição se processará pela integração da percepções visual, auditiva, tátil, cinestésica, olfativa e gustativa frente aos recursos didático-pedagógicos pertinentes à sistematização dos conteúdos acadêmicos planejados pela escola.

A escola que se pensa neste final de século, a Escola Inclusiva, visa atender às necessidades educativas de todos os seus alunos. Espera-se, portanto, que esta escola ofereça aos alunos cegos os recursos necessários para que ele possa perceber a realidade e construir seu conhecimento a partir de suas percepções tátil-cinestésica, auditiva, olfativa e gustativa. Para que seu processo de ensino-aprendizagem não se sustente no verbalismo, todos os recursos didáticos nele utilizados têm que levar em conta sua maneira peculiar de perceber a realidade.

Para que a configuração mental de um objeto assuma forma significativa, o aluno cego precisa agir sobre ele, tocando-o, explorando-o tatilmente. Mas, pode ser, também, que sua percepção tátil-cinestésica seja insuficiente para apreender este mesmo objeto na sua totalidade e o nosso sujeito ativo recorrerá aos seus outros sentidos, o auditivo, o gustativo e o olfativo. Assim, é preciso reconhecer que o aluno cego terá acesso a uma gama restrita de informações

se as compararmos com às disponíveis ao aluno vidente e que este acesso se processa de um modo diferente. Por isto é bom lembrar que embora ele perceba o mundo de forma diferente, a matéria prima para sua percepção é a realidade que se mostra a todos, mas ela só lhe será significativa se lhe fornecer elementos sensíveis às suas percepções.

Conclui-se, então, que tanto para o aluno vidente quanto para o aluno cego o melhor recurso didático são os objetos concretos, naturais, reais e não as suas representações simbólicas. A estas o professor vai recorrer como uma outra possibilidade de materializar o real na sua tri ou bidimensionalidade. As representações simbólicas costumam fazer parte do acervo pedagógico das escolas, porém, nem sempre atendem às necessidades dos alunos cegos, porque foram criados obedecendo a padrões de uma cultura que se constrói baseada nos estímulos visuais.

Os recursos pedagógicos, na grande maioria, são resultados da produção industrial e facilmente encontrados no comércio. Alguns são significativos para o aluno cego. Exemplo típico se evidencia com os sólidos geométricos, jogos de encaixe e similares. Outros tantos podem ser adaptados às suas percepções, mediante acréscimos de marcações em relevo, sem prejudicar a percepção daqueles alunos que têm a visão como seu principal canal receptor de informações. Neste caso encontram-se os instrumentos de medir comprimento, os mapas de encaixe, o globo terrestre, a balança e outros.

Valendo-se de bom senso e criatividade, o professor poderá, ainda, confeccionar vários materiais que atendam às necessidades específicas do aluno cego. Utilizando sucata, ou seja,

reaproveitando materiais simples que normalmente desprezamos, tais como embalagens descartáveis, frascos, tampas, retalhos de tecidos, pedaços de papelões, caixas, barbantes etc., pode-se produzir uma infinidade de recursos didáticos de baixo ou quase nenhum custo. Esta atividade, sempre que possível, deve contar com a participação do aluno, fato que contribuirá para que ele mais rapidamente compreenda a sua utilização.

Na seleção, adaptação e confecção de recursos didáticos para o aluno cego, o professor deve levar em conta critérios básicos em relação ao tamanho, à significação tátil e à aceitação, não provocando rejeição no manuseio, de modo que se constituam em meios eficientes no processo ensino-aprendizagem.

RECURSOS DIDÁTICOS FACILITADORES

Além dos recursos didáticos básicos para o ensino, como a reglete, o punção, o sorobã, os livros didáticos adaptados, a máquina de dactilografia Braille, e, ainda, os recursos tecnológicos, gravador cassete, computadores, outros materiais assumem relevante importância. São eles os modelos e as representações gráficas em relevo. Eles facilitam o trabalho do professor, minimizam as dificuldades dos alunos na aquisição de alguns conceitos e integram cegos e videntes.

MODELOS

A dificuldade de interação com o meio ambiente por parte da criança cega impõe a utilização freqüente de modelos representativos da realidade com os quais podem ser razoavelmente superados os problemas de percepção em relação ao tamanho dos objetos originais e a distância a que se encontram.

A melhor maneira de se dar ao aluno deficiente visual a noção concreta do que seja uma montanha, por exemplo, é mostrar-lhe um modelo (uma maquete) deste acidente geográfico, ainda que se considere a possibilidade de a criança subir a elevação, terá ela apenas a idéia do caminho percorrido.

Os modelos devem ser escolhidos e confeccionados seguindo critérios que propiciem uma boa significação tátil e visual e, sempre que possível, sua exploração ser acompanhada de explicações verbais objetivas.

A noção de nuvem, Sol, Lua, bem como outros elementos do universo situados a grandes distâncias só podem ser apreendidos pelos alunos cegos através de modelos simbólicos apresentados em escalas proporcionais.

REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS EM RELEVO

Utilizando barbante, miçanga, papel metálico, papelão etc., pode-se produzir relevos e contornos em mapas, gráficos, tabelas e esquemas.

A representação gráfica em relevo é uma forma de linguagem que permite a todos os alunos o acesso a informações das diversas áreas do ensino. Constitui-se numa técnica que proporciona um maior estímulo para a aprendizagem e integra alunos e professores que possuem diferentes capacidades de percepção.

Para que o aluno cego possa fazer uma boa utilização destes recursos didáticos, os mesmos devem apresentar-se com tamanho adequado a um uso prático, ser significativo ao tato e conter quantidade de informações dosadas. Mapas ou gráficos que possuem muitos detalhes tornam-se complexos na compreensão de sua totalidade.

Os materiais confeccionados em relevo podem ser reproduzidos várias vezes, ou seja,

cópias podem ser realizadas em equipamento específico – THERMOFORM. Esta máquina faz reproduções rápidas, utilizando filme apropriado (película de PVC – brailex), através do processo termo-vácuo. Com este recurso pode-se produzir inúmeros trabalhos para serem distribuídos a todos os alunos, tais como: cadernos de atividades, mapas, planisfério, gráficos, apostilas para o ensino da geometria, tabela periódica dos elementos químicos etc.

CONCLUSÃO

Os recursos didático-pedagógicos se mostram fundamentais no processo ensino-aprendizagem do aluno cego.

Eles lhes proporcionam o acesso significativo aos conteúdos acadêmicos, viabilizando, de forma concreta, a formação de conceitos, condição essencial para o desenvolvimento global de sua personalidade.

A Escola Inclusiva tem como compromisso político-social ser competente no seu propósito e, para tanto, enxergar além da deficiência, lembrando que cada criança é um ser único e que a utilização dos recursos didáticos deve contribuir para que esta singularidade se firme na aceitação de que construímos o mundo de forma diferenciada. ◆

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- PENNA, Antonio Gomes. Percepção e realidade - introdução ao estudo da atividade perceptiva. Fundo Cultura. Rio de Janeiro, 1973.
- CERQUEIRA, Jonir B. e FERREIRA, Elise de M. B. *Recursos Didáticos na Educação Especial*. Revista Benjamin Constant – 05. MEC/ IBC/ IBCENTRO. Rio de Janeiro, 1996.
- BRUNO, Marilda Moraes Garcia. *Deficiência Visual - Reflexões sobre a Prática Pedagógica*. Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual. São Paulo, 1997.
- MASINI, Elcie F. Salzano. *O Perceber e o relacionar-se do deficiente visual*. CORDE. Brasília, 1994.
- SASSAKI, Romeu Kasumi. *Inclusão - construindo uma sociedade para todos*. WVA. Rio de Janeiro, 1997.

ELISE DE MELO BORBA FERREIRA

CURRICULUM VITAE

Local de Trabalho

Instituição: Instituto Benjamin Constant
Endereço: Av. Pasteur n.º 350/368 – Urca
CEP: 22290-240 - Rio de Janeiro, RJ
Telefone: (21) 543-1180 Fax: (21) 543-1174
E-Mail: dte@ibcnet.org.br
Área de atuação: Deficiência Visual
Cargo/Função: Professora – Chefe da Divisão Imprensa Braille do IBC.

Titulação

Graduada em Letras pela UFRJ
Especialista em Educação Especial na Área de DV pela UNIRIO

Principais experiências profissionais em Educação

- Professora de 1º e 2º Grau do Instituto Benjamin Constant;
 - Coordenadora do Jardim de Infância do IBC – Educação Infantil;
 - Chefe da Divisão de Pesquisa e Produção de Material Especializado do IBC;
 - Participação em projetos de Capacitação de Recursos Humanos - Docentes – na área da Deficiência Visual;
- Atual Chefe da Divisão de Imprensa Braille do Instituto Benjamin Constant.